

ANO IX - EDIÇÃO XXVIII - 2021



[www.revistaentrecolunas.com.br](http://www.revistaentrecolunas.com.br)

# RODRIGUES DE SOUZA

— Advogados —

 [www.rodriguesdesouza.adv.br](http://www.rodriguesdesouza.adv.br)

∴ Francisco Antônio de Camargo Rodrigues de Souza

Advogado - OAB/DF

**Contratos**

**Direito Civil**

**Direito Consumidor**

**Direito do Trabalho**

**Direito Tributário**

**Direito Empresarial e Societário**

**Direito de Família e Inventários**

**Direito Administrativo e Licitações**

**Mediação, Conciliação e Arbitragem**

**Direito Internacional, com ênfase em cidadania Portuguesa**

**Acompanhamento de processos em Tribunais Superiores e**

**Relações Institucionais juntos aos órgãos do Legislativo e Executivo**

✉ [rodriguesdesouzaadvogados@gmail.com](mailto:rodriguesdesouzaadvogados@gmail.com)



**(61) 3328-4332 9 8483-5495**

**SRTVN - Quadra 701 - Bloco B - Sala 523/525 - Centro Empresarial Norte - Brasília/DF**

## EXPEDIENTE



Ir.: Fábio Márcio Bernabé  
Conselheiro Distrital  
Loja Oskar Schindler nº 4362  
**(61) 99456-1992**  
e-mail: fmeditora@hotmail.com

Diretor Comercial  
Ir.: Fábio Márcio Bernabé

Projeto Gráfico  
Cunh.: Meg de S. Feitosa Bernabé

Designer Gráfico  
Sobr.: Luana Ariel F. Bernabé  
CNPJ 23.171.800/0001-70



[www.revistaentrecolunas.com.br](http://www.revistaentrecolunas.com.br)

Desde 2012 trabalhando no Distrito Federal,  
já foram 28 edições lançadas da  
Revista Entre Colunas.

Obrigado  
meu  
Deus  
por  
tudo!



**GRITE  
SUA  
MARCA!**

BRANDING  
PERFORMANCE  
MÍDIA  
ESTRATÉGIA

**TUDO O QUE SUA MARCA PRECISA  
PARA SER VISTA E OUVIDA!**

(61) 99277-1502 | 3047-2939  
[www.tbzmd.com.br](http://www.tbzmd.com.br) | **TBZ4**  
FABRICA DE PALAVRAS

# A Terceirização da Educação



Escrito por: Darco Sousa

No ambiente corporativo a terceirização é algo comum e têm seus pontos positivos, negativos, exageros e até aberrações. Contudo, nenhuma aberração pode ser maior e com estragos tão grandes, como no caso da terceirização da educação. Terceirização da educação? Sim!

A terceirização da educação acontece no ambiente da família. Quando os pais transferem a responsabilidade da educação dos filhos para outras pessoas, fatores, ambientes, empresas, instituições e organizações de um modo geral que participam mais ativamente no contexto da educação dos filhos que as pessoas mais interessadas; no caso os pais.

É verdade, que muitas vezes as organizações citadas acima e pessoas ou ambientes que participam deste contexto da terceirização da educação, fazem de forma inconsciente. Muitas vezes a organização nem percebe que está inserida dentro deste contexto da terceirização da educação.

Existem casos em que tanto pessoas quanto organizações que prestam serviços para a família desejam simplesmente atender às necessidades que os pais têm em relação às questões citadas no enredo a baixo. O único interesse destes prestadores de serviços no caso: é atender à necessidade familiar e facilitar a vida dessas pessoas.

Entretanto, é importante que todas as pessoas e organizações que prestam serviços para a família, estejam atentas em: auxiliar, sugerir e se possível manter uma postura de não participação e convivência com a terceirização da educação e os males causados por ela.

A narração citada abaixo ilustra de forma prática como acontece a terceirização da educação.

Pela manhã logo cedo à educação que poderia ser transmitida pelos pais no momento do café da manhã em

diálogos e conversas sobre o dia-a-dia é transferida para a empregada, que geralmente prepara o café da manhã e estabelece os primeiros diálogos com a criança.

Seguido da participação do pai, que quase como um gerente; que cobra as metas dos seus funcionários, cumprimentando o filho antes do bom-dia com a seguinte frase:

– “Quando eu chegar quero ver resultados das escolas”.

O próximo personagem é a mãe, que quase como um supervisor do gerente citado anteriormente reforça a cobrança das metas. A seguinte frase exclama:

– “Você já ouviu o que seu pai falou. Né”?

No momento seguinte a criança é recepcionada na porta de casa pelo motorista da van ou o motorista particular que buzina e chama o menino aos berros para dentro do carro. Seguido da pergunta:

– “Como vai na escola”?

A criança já não suportando tanta pressão responde: – “Vamos mudar de assunto. Já recebi três cobranças só hoje cedo”.

Na escola a professora diz para o aluno:

– “Na semana passada conversei com seu pai”.

Nesta hora a criança se belisca e pergunta se isso é um pesadelo.

Conversando com um coleguinha na saída da escola, o amiguinho pergunta:

– “Essa escola é boa”?

Ao que o menino responde:

– “Agente mais estressa que aprende”.

Após o primeiro round na escola, esse é encaminhado para a próxima empresa de fast food que terceirizará a nova oportunidade que o pai teria juntamente com a mãe para estabelecer um diálogo e transmitir a tão importante educação.

Após o fast food, novamente o agente da educação aparece levando o filho para alguma outra atividade. Muitas vezes uma aula de acompanhamento ou reforço escolar, aulas particulares, aulas de dança, aulas de inglês, aulas de alguma outra língua e até japonês se for o caso. A agenda da criança mais parece uma agenda de um executivo, tem capa preta com dias e horários para todos os segundos do ano.

Não que as instituições citadas acima e as pessoas sejam um mal, muito pelo contrário elas podem e o objetivo muitas vezes é ajudar. O grande problema está em



“despachar” o filho para algum lugar que possa assumir a responsabilidade pela educação que os pais não querem participar.

Chegando ao final do dia, todo mundo está em casa. O pai, a mãe, o filho, até o cachorro está lá, menos à educação. Justamente porque nesse momento todo mundo está como uma múmia procurando o primeiro sarcófago para poder deitar e repousar após uma longa jornada de trabalho e atividades nessa busca intensa sabe lá Deus pelo o que.

A comunicação antes verbal começa a ser substituída pela rede de Internet, presente no ambiente doméstico, que intermedia à comunicação entre um quarto e outro por meio das mensagens instantâneas. Em quartos separados, o teclado “fala” mais que as bocas, que quando falam xingam alguns palavrões deste contexto de uma vida desgraçadamente sem educação.

O fim de semana vem chegando. Todos muito cansados da rotina da semana; então nasce uma grandiosa ideia, que ou é sugerida pelos pais ou é sugerida pelos filhos. Terceirizar novamente a educação para alguém que foi menos influenciada por este contexto de um mundo moderno e tecnologias mal utilizadas. As famosas: vovós.

Em suas aconchegantes casas recebem os netos quase como santos. Este santo diabinho baixa na casa desta santa, que por sua vez tenta entender o que está

acontecendo no contexto familiar.

A pergunta muitas vezes é:

– “Meu filho o que aconteceu com você”?

O grande problema é que muitas vezes nem ele mesmo sabe o que está acontecendo.

E então responde:

– “Sei lá! Pergunta para meus pais”.

Essa narração apenas ilustra casos que são mera coincidência em contextos de famílias, onde a educação é terceirizada para qualquer pessoa, que nem sempre são os pais.

Analisando a questão pelo prisma: que a educação e o conhecimento são coisas eternas e possivelmente as maiores heranças que os pais poderão deixar na essência do modelo inicial de cada ser que vem ao mundo. Fica aqui uma pergunta: não deveria ser para os pais uma honra educar cada um de seus filhos? Pense nisso na prática!

Quanto à terceirização da educação, resta dizer: “Livrai-nos deste mal. Amém”!

Publicado em 2009 – no site:

<http://www.darcosousa.com> e em várias Organizações Educacionais, tornando-se Missão Organizacional de muitas delas.

WWW.DARCOSOUSA.COM  
WHATSAPP: 61-98148-1627

# DARCO SOUSA

Desenvolvimento Humano, Terapias Psicoemocionais e Transtornos do Aprendizado

PNL | Hipnoterapia | Hipnoanálise e outras técnicas



# TELHAMENTO x TROLHAMENTO

Autor: Irm. : Marcos A. P. Noronha – Mestre Instalado.

A Pílula Maçônica Nº 61 de autoria do Irmão Alfério Di Giaimo Neto, escrita em parceria com o Irmão Fernando Túlio Colacioppo Sobrinho, começa com a seguinte assertiva: “É interessante, na Maçonaria, como certas coisas realizadas, praticadas, ou palavras ditas ou interpretadas erradamente por Veneráveis Mestres, se espalham numa velocidade vertiginosa e tendem a se tornarem aparentemente verídicas”.

Mesmo depois de existirem vários textos explicativos sobre o que significa Telhamento e Trolhamento, no âmbito de nossa Augusta Ordem, temos presenciado, mesmo na atualidade, equívocos sobre a utilização correta do termo. Há poucos dias, por exemplo, tivemos a oportunidade de ouvir, de um Irmão, falando em trolhamento, quando o correto seria ter dito telhamento para o caso que estava a relatar. Esse fato nos motivou a escrever, uma vez mais, sobre o tema, apresentando o significado de cada um dos termos.

**TELHAMENTO** é uma palavra derivada de telhar. E telhar significa cobrir com telhas. Todos sabemos o que é uma telha, mas entendemos oportuno apresentar a definição: TELHA é um substantivo feminino que vem do latim tegula, peça geralmente feita de barro cozido ao forno destinada a cobertura de edifícios ou casas. A palavra telha vem do latim: “tegula”. Mesmo existindo a palavra “telhador”, em português, o termo mais utilizado é “cobridor”, para denominar aquele que coloca telhas, cobre, oculta, protege uma área de um edifício. Segundo o dicionário Houaiss entende-se por TELHAMENTO o ato, ou ação, de telhar, ou seja, cobrir com telhas.

**TROLHAMENTO** é o neologismo maçônico e inexistente no idioma pátrio. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (versão eletrônica), TROLHA é um substantivo feminino, uma espécie de pá utilizada na qual o pedreiro tem a argamassa que vai usando. A palavra trolha vem do latim: “trullia”, possuindo outras variantes como: trulla (colher pequena) e trullea, espécie de pá em que o pedreiro põe a cal amassada de que vai se servindo, é um instrumento de trabalho de formato triangular usada essencialmente em construções. No Brasil tem o sentido de desempoladeira e desempenadeira. Como substantivo masculino significa pedreiro comum, na forma pejorativa pessoa sem importância.

O Mestre Castellani em sua Cartilha de Aprendiz, editado por A Trolha, diz o seguinte: “Telhamento: é o exame de alguém, nos Toques, Sinais e Palavras, para verificar sua qualidade maçônica, ou se tem Grau suficiente para assistir a um trabalho maçônico em Grau superior ao de Aprendiz. Representa uma cobertura e, como as telhas, serve para Cobrir o Templo a Profanos, ou aos que não possuam Grau suficiente para assistir a Sessão. O termo é muito confundido com trolhamento”, que para este caso é totalmente errado, pois quando o Cobridor (ou Telhador) examina algum nos Toques, Sinais e Palavras, ele estará se cobrindo e cobrindo o Templo e os trabalhos a eventuais intrusos; estará fazendo o telhamento e não “trolhamento”, que é outra coisa”.

Telhar, na Maçonaria, significa proceder à verificação, por meio de perguntas, se uma pessoa é Maçom e, em sendo, se possui o Grau requerido para participar dos trabalhos. Assim, os visitantes devem ser “telhados” pelo Cobridor, com essa finalidade.

Não é demais recordar que Cobrir o Templo é protegê-lo de tal forma que pessoas que estão fora não saibam o que está ocorrendo dentro dele. Dessa forma, está errado requerer aos Aprendizes ou aos Companheiros ou, ainda, aos Mestres para cobrirem o templo temporariamente, estes em Sessão de Instalação, pois o Templo é que será coberto para eles. Como eles não podem saber o que ocorrerá dentro do Templo, num determinado período, o Templo estará “coberto” (Castellani). Quem cobre o Templo é o Cobridor Externo, não o Aprendiz ou o Companheiro ou o Mestre.

Dessa forma, o Telhamento é o ato de examinar um desconhecido para certificar-se, primeiro, sua condição de maçom, segundo se está regular e, finalmente, para confirmar se possui o Grau adequado ao da Sessão que está ocorrendo ou que vai iniciar.

Portanto, a expressão “Trolhamento” está errada, tendo em vista que toda edificação é protegida de intempéries do mundo exterior pelo telhado (que é composto de telhas).

Trolhar significa passar a trolha (colher de pedreiro), como também nos afirma o Mestre Castellani. A colher

de pedreiro ou a trolha é a ferramenta da qual se utiliza o pedreiro para colocar a argamassa, objetivando alisar a massa aplicada, de forma a aparar as arestas. Assim, maçonicamente, passar a Trolha ou Trolhar significa apaziguar as divergências entre Maçons, aparando e alisando as arestas.

Nas palavras de Nicola Aslan, Trolhar: é esquecer as injúrias, as desavenças entre os Irmãos. É perdoar um agravo, dissimular um ressentimento, perdoar uma falta de outro Obreiro. É reforçar os sentimentos de fraternidade, de bondade e de afeto, que unem todos os membros da família maçônica. Esses sentimentos devem ser contínuos, sem falhas, sem asperezas e sem rugosidades. Se isso ocorre em uma Loja, o Venerável Mestre deve se inteirar do que está ocorrendo e “trolhar” os envolvidos. Por isso que, na Inglaterra, o Símbolo com o formato de uma “colher de pedreiro” é usada pelos Mestres Instalados.

Um termo que aprendemos a utilizar na Maçonaria, tão logo passamos pela Iniciação, é Goteira e muitas vezes este termo não é bem explicado ao

Aprendiz ou mesmo não é bem compreendido e é utilizado por um Maçom, mas sem compreender, simbolicamente, o que significa o termo para a Maçonaria.

Em uma casa, por exemplo, quando o telhado não está bom, quando as telhas não estão alinhadas, em caso de chuva podem ocorrer goteiras dentro de casa, ou mesmo chegar a chover. Dessa forma, o termo em nossa Ordem significa que tem profano presente entre Maçons, quando se está travando diálogos maçônicos e devem ficar restritos a eles. “Nesse caso, diz-se que ‘há goteira’, ou ‘está chovendo’, para mostrar que não há cobertura, para tratar de assuntos maçônicos”.

Concluindo, podemos afirmar que um construtor, como eram os antigos Maçons, não se expressa, dizendo que vai passar a trolha para evitar goteiras, estas são evitadas com um bom telhamento, ou seja, com boas telhas e assentadas de forma correta em ambos os sentidos.

Assim, na Maçonaria somente podemos evitar as goteiras se tivermos um bom telhado, para tanto o exame que se faz para comprovar o Grau e a qualidade de Maçom de um Irmão visitante desconhecido deve ser um preciso TELHAMENTO.

## Observações:

Salientamos, uma vez mais, que os DIÁLOGOS MAÇÔNICOS conterão textos filosóficos e questões de ordem prática, visando boas e corretas práticas, de acordo com a Liturgia, o Simbolismo e as Tradições Maçônicas.

Este DIÁLOGO MAÇÔNICO foi extraído da Pílula Maçônica Nº 228, de nossa autoria, escrita em maio de 2016 e publicada na página (site) da Loja Solidariedade e Progresso Nº 3078, em 15/06/2016.

Contudo, este texto, contido no DIÁLOGO MAÇÔNICO Nº 007, foi revisado e ampliado.



# VENERALATO

**Autor: Irm.: Marcos A. P. Noronha – Mestre Instalado.**

Em 2010, tivemos a oportunidade de escrever um artigo com o título “O Venerável Mestre (Obrigação de um Venerável - Planejamento)” que a Editora Maçônica “A Trolha” nos honrou com a publicação na Coleção A Trolha Nº 9, editada em 2011.

No referido artigo, recordamos sobre a etimologia do termo “Venerável”, salientando que se trata de um vocábulo bem primitivo que, nos tempos medievais, era a forma cortês de se dirigir a uma pessoa importante, principalmente se se tratasse de alguém considerado sábio. Na atualidade é empregado trazendo o sentido de venerando e honorável, tal como quando aplicado a um magistrado.

Como de conhecimento geral, na Maçonaria utiliza-se a expressão “Venerável Mestre” que é atribuída ao presidente de uma Loja Maçônica e é utilizada para reverenciar a mais alta dignidade da Loja Simbólica, significando que todos os obreiros da Loja devem “venerar” o Mestre da Loja.

Vejamos a definição que é trazida pelo Dicionário Online de Português: Veneralato - substantivo masculino. Cargo de venerável, na Maçonaria. Etimologia (origem da palavra veneralato).

**Venerar + do alemão + ato.**

Segundo Castellani, na obra Manual do Mestre Instalado, também da Editora Maçônica “A Trolha”, o título de Venerável Mestre, dado ao presidente de uma Loja maçônica, tem a sua origem mais remota nos meados do século XVII, quando já começara a lenta, mas progressiva, transformação da Franco-maçonaria de ofício, ou operativa, em Franco-maçonaria dos aceitos, ou especulativa.

A expressão deriva da palavra inglesa worship, que significa culto, adoração, reverência (como forma de tratamento) quando usada como substantivo, e venerar, adorar, idolatrar, quando usada como verbo transitivo; neste caso, tem-se o vocábulo worshipful, que significa adorador, reverente, venerável, como forma de tratamento.

Assim, o presidente de uma Loja Simbólica passou a ter o título de Worshipful Master, que significa Venerável Mestre e que seria adotado por todos os círculos maçônicos. Portanto, o Venerável eleito somente passa a ser de fato o Venerável Mestre da Loja depois de passar pelo Cerimonial de Instalação e ser empossado no Trono de Salomão.

Uma pergunta que se faz é a seguinte: como é designada a função de um Venerável Mestre de uma Loja?

É bastante comum ouvirmos Veneráveis e ex-Veneráveis falarem: “na minha Venerança...”, sendo que o correto é VENERALATO, como, aliás, nos ensina o próprio Castellani, no livro Consultório Maçônico - Cadernos Maçônicos, igualmente da Editora Maçônica A Trolha. Segundo ele, sendo Venerável uma palavra terminada em “L”, assim como outras terminadas em “La”, passa, para designar a função, a VENERALATO, assim como general - generalato; coronel - coroneralato; estrela - estrelato etc. A palavra não tem, como pensam muitos Maçons, qualquer relação com “Vereança”, que é derivada de Vereador.

O Irmão Pedro Juk, atual Secretário-Geral de Orientação Ritualística do Grande Oriente do Brasil, em seu blog, afirmou: “constata-se que o Venerável Mestre é um Mestre Maçom que foi instalado na cadeira da Loja para exercer, pelo tempo regimental, o VENERALATO da Loja. Cumprido o seu tempo ele é então o Ex-Venerável Mestre, também por aqui conhecido como um Mestre Instalado. Podendo ser o Mestre Instalado ‘mais recente’ quando se tratar daquele que acabou de deixar o cargo de Venerável” (o destaque não é do original).

Mesmo não sendo o objeto específico deste DIÁLOGO MAÇÔNICO, não é demais recordar que Instalação é ato litúrgico original da Maçonaria britânica, ou seja, de trabalhos e rituais oriundos da Maçonaria anglo-saxônica, como bem lembrado pelo próprio Irmão Pedro Juk. “Os Ritos de vertente francesa não possuem - ou pelo menos não deveriam possuir -

essa cerimônia, sobretudo quando copiada da Maçonaria Inglesa. De modo geral, na França, Instalação simplesmente significa posse”.

Como cremos que seja de conhecimento dos Irmãos, a prática de passar a se instalar o Venerável Mestre eleito no Trono de Salomão, em todos os Ritos, no Brasil, ocorreu após a cisão de 1927, mas esse será um Diálogo para outra ocasião.

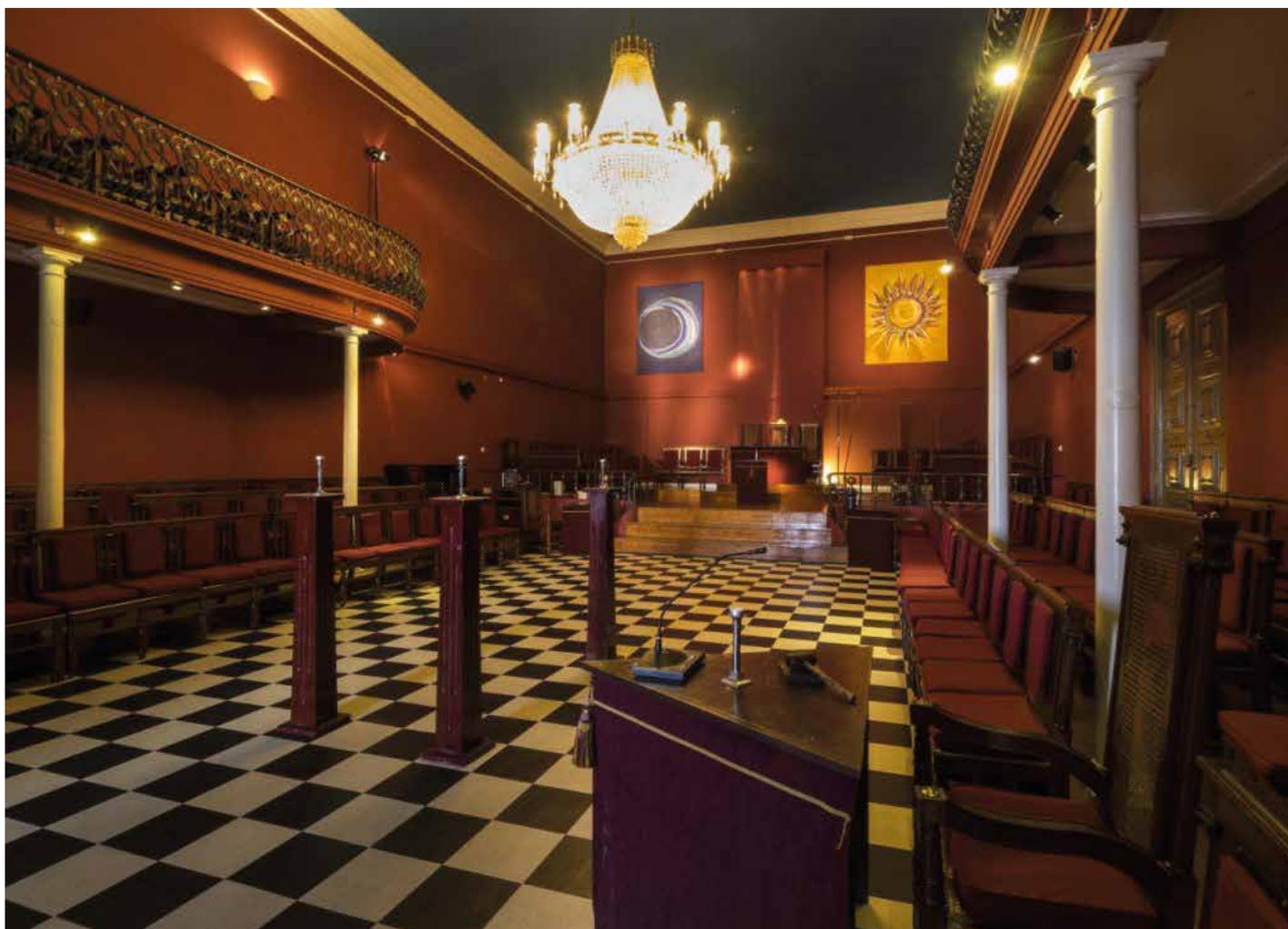
Assim, do uso correto da expressão que retrata a função de um Venerável, conclui-se que o Venerável exerce o VENERALATO, e não a Venerança. Esperamos

que de ora avante os Irmãos, de um modo geral, e os Veneráveis Mestres, em especial, passem a utilizar a correta expressão, quando estiverem se referindo à função do Venerável Mestre: VENERALATO.

Por fim, para concluir este DIÁLOGO MAÇÔNICO, não é demais salientar que o exercício do VENERALATO apresenta-se como um sacerdócio, pois o Venerável Mestre não deve se limitar a exercer o cargo somente no momento em que preside a sessão, mas, sim, vinte e quatro horas por dia. Isso evidencia que está exercendo o VENERALATO de corpo e alma, trabalhando diuturnamente com constância e firmeza.

### Observações:

Da Pílula Maçônica Nº 264, de nossa autoria, escrita em agosto de 2018 e publicada na página (site) da Loja Solidariedade e Progresso Nº 3078, em 05/09/2018, que após revisada e ampliada, deu origem a este DIÁLOGO MAÇÔNICO Nº 008.





# ENTRELAÇAMENTO DO ESQUADRO COM O COMPASSO

Autor: Irm.º Marcos A. P. Noronha – Mestre Instalado.

Este DIÁLOGO MAÇÔNICO tem por objetivo apresentar uma reflexão do por que, em regra, um símbolo apresentado ao mundo externo tem o Esquadro e o Compasso entrelaçados. O que ocorre, por exemplo, quando uma Loja ou uma Obediência Maçônica apresenta um símbolo na porta de sua entrada, o que é visto por profanos.

Quando demos início ao projeto de escrever os DIÁLOGOS MAÇÔNICOS informamos que somos demandados, com certa regularidade, por Irmãos que apresentam dúvidas ou questões maçônicas. A resposta às vezes requer o aprofundamento do estudo. Foi o caso de uma demanda desta semana: “Querido Irmão Marcos Noronha, favor esclarecer, se possível, por qual motivo, o esquadro e o compasso estão entrelaçados”. A conclusão resultou neste DIÁLOGO MAÇÔNICO.

Antes de adentrarmos no tema, propriamente dito, entendemos ser de bom alvitre relembrar alguns tópicos sobre o que representam o Esquadro e o Compasso em nossa Augusta Ordem.

Algumas explicações foram extraídas de uma

resposta dada pelo querido Irmão Pedro Juk, em 2016, na coluna “Perguntas & Respostas” que durante anos foi publicada no informativo maçônico JB News, criado e mantido pelo saudoso Irmão Jerônimo Borges, que além de muito competente possuía as virtudes da humildade, da simplicidade e da simpatia, entre outras.

Compasso é o símbolo do espírito, significando tudo aquilo que não seja matéria: pensamento, raciocínio, sabedoria etc. Obviamente, aos crentes, espírito tem também um significado transcendente. O compasso traça círculos perfeitos, sendo esse ato de traçar um símbolo da busca da perfeição. O círculo traçado pelo compasso delimita espaços, portanto esse círculo simboliza limites, comedimento, moderação, continência, virtude da prudência. Dentro desse círculo o maçom não pode errar. De maneira absoluta, onde não há nenhum erro é o ponto central do círculo, a Origem.

Esquadro é o símbolo da ação do homem sobre a matéria. Simboliza a boa ação, a retidão, a equidade, a justiça, a moralidade.

O compasso e o esquadro se completam. Símbolo maçônico muito antigo, provavelmente antes do século XV. São as principais ferramentas de uso de maçons de ofício (pedreiros e construtores) e simbolizam as principais ferramentas dos maçons “livres e aceitos” (maçons modernos, os construtores sociais).

O Esquadro e o Compasso, unidos em Loja, são partes integrantes da tríade representativa das Três Grandes Luzes Emblemáticas (vertente maçônica francesa), ou as Três Luzes Maiores (vertente maçônica inglesa). Diferem-se conforme o sistema apenas no nome, já que a sua composição para a Moderna Maçonaria se faz universalmente pelos dois instrumentos citados mais o Livro da Lei.

Genuinamente a disposição do Esquadro e do Compasso sobre o Livro da Lei representa, dentre outros, o Grau de trabalho da Loja e, por extensão, simboliza particularmente cada Grau simbólico - os ramos do Esquadro sobre as hastes do Compasso representam o Primeiro Grau, um ramo do Esquadro entrelaçado com uma haste do Compasso simula o Segundo Grau e por fim as hastes do Compasso sobre os ramos do Esquadro concebem o Terceiro Grau.

Realmente, o Esquadro entrelaçado com o Compasso como aparece nos símbolos de Lojas e de Obediências seria como se estivesse representando o Segundo Grau.

Não é demais recordarmos que a Maçonaria utiliza símbolos como forma de reafirmação de vários princípios que devem ser observados e praticados pelos Maçons, dentro e fora dos Templos. Uma parcela considerável de símbolos tem por base instrumentos empregados na construção civil.

Entendemos ser de bom alvitre não olvidarmos que os símbolos não possuem função ritualística ou algum tipo de ilação mística. Os símbolos têm por objetivo emitir uma mensagem metafórica, para provocar no Iniciado um processo particular de reflexão e aprendizagem que gere ação efetiva, visando seu crescimento e evolução, sobretudo, espiritual.

Como afirmado, na Maçonaria o significado generalizado dessa composição esotérica maçônica é aquela referendada à materialidade e à espiritualidade - a matéria para o Esquadro e o Espírito para o Compasso. Dessa forma, o esquadro e o compasso unidos têm por objetivo ressaltar, em nosso estágio atual de evolução neste Planeta, a importância da associação entre o mundo espiritual e o mundo material.

A Maçonaria prega a prevalência do Espírito sobre a matéria, saliente-se: a prevalência do Espírito, mas não a eliminação da matéria, haja vista que ela é necessária

para vivermos no Planeta Terra, que está, ainda, em baixo nível de espiritualidade, pois se encontra na escala de planeta de provas e expiações.

É de conhecimento também que o Compasso simboliza o dever de dominar nossas paixões e refrear nossos desejos nos devidos limites. É o emblema mais notável da virtude, sendo, por conseguinte, a verdadeira medida do Maçom. Podemos dizer que ele nos ilumina em nossos deveres para conosco e para com os demais.

Pode-se afirmar “que o Compasso representa o céu, para onde o Iniciado deve dirigir suas vistas, e o Esquadro representa a Terra, onde o acorrentam os seus vícios e paixões”.

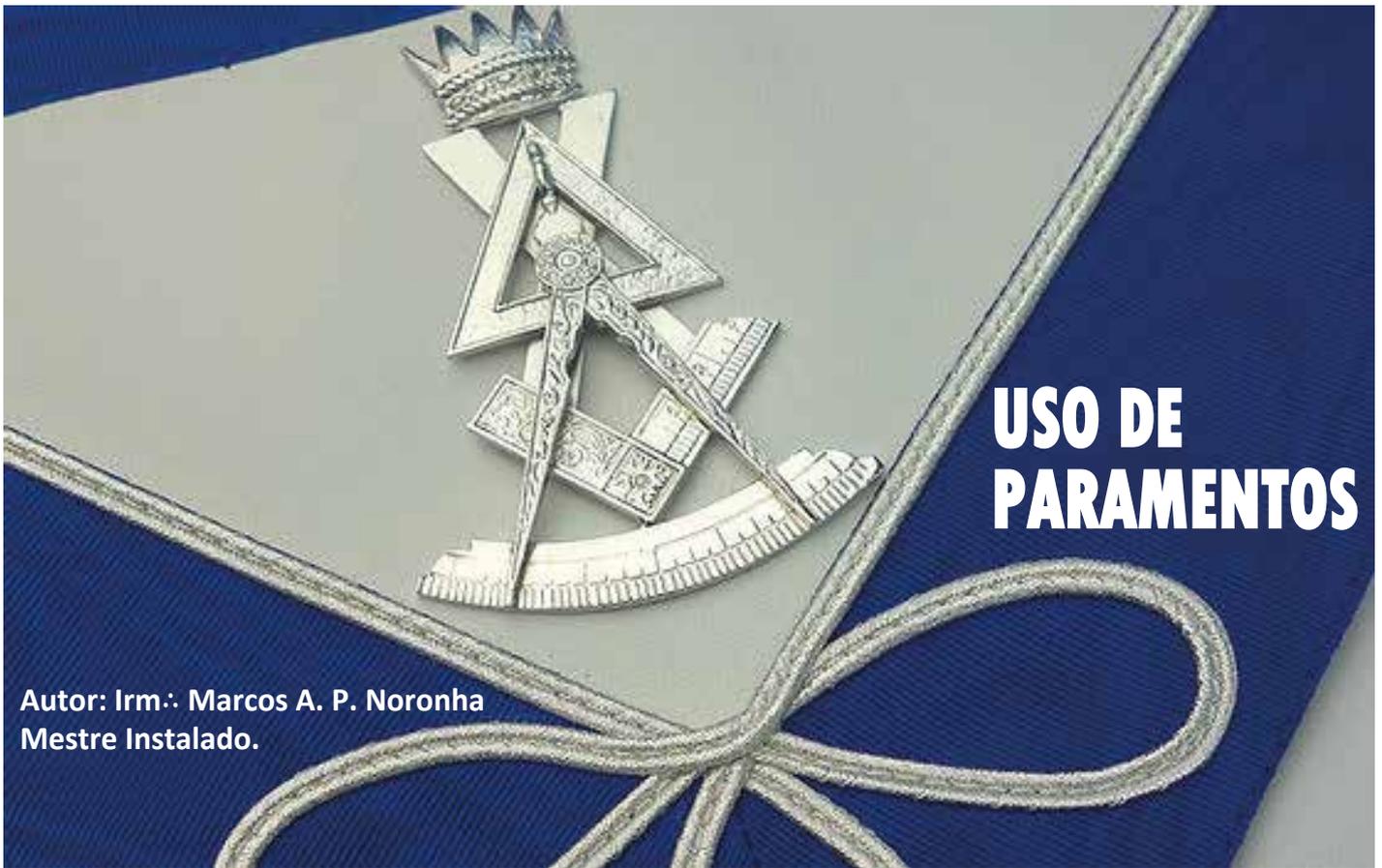
O Compasso entrelaçado ao Esquadro é utilizado como emblema maçônico. Em nosso entendimento, essa representação traduz que a Maçonaria, mesmo sendo uma instituição perfeita, não tem membros (Obreiros) perfeitos, mas sim perfectíveis, que se encontram em estágio de evolução.

De forma que, o Compasso que também representa retidão, harmonia e compreensão da Lei e de uma realidade superior, não podendo ser apresentado sobreposto ao Esquadro, que simboliza a matéria, porque o Espírito ainda não conseguiu dominar a matéria.

Contudo, não estamos no grau primário onde há o domínio da matéria sobre o Espírito, por isso a representação mais pertinente é aquela que mostra que estamos a caminho da necessária evolução espiritual.

Assim, nos parece que a forma mais pertinente, que traz um significado simbólico esotérico, é o de que o pertencimento à Ordem Maçônica deve ser traduzido pelo percurso em busca do aperfeiçoamento. Com certeza, estamos longe do alvo, que é a perfeição, uns mais outros menos, mas os primeiros passos foram dados, por isso a representação adequada é o entrelaçamento do esquadro e do compasso, pois estamos a caminho, estamos buscando, enfim, estamos avançando.

Observações: Para construção deste DIÁLOGO MAÇÔNICO Nº 009 utilizamos além de nossas reflexões na senda maçônica, material por nós produzido em estudos passados, consultamos o citado material do Irmão Pedro Juk, além dos artigos “O Compasso” ([rlmad.net/secmaconaria/pranchas/compasso/](http://rlmad.net/secmaconaria/pranchas/compasso/)) e “A simbologia maçônica”. ([brasilescola.uol.com.br/curiosidades/a-simbologia-maconica.htm](http://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/a-simbologia-maconica.htm))



## USO DE PARAMENTOS

**Autor: Irmão Marcos A. P. Noronha  
Mestre Instalado.**

Meus Irmãos, nossa proposta ao dar início aos DIÁLOGOS MAÇÔNICOS, conforme dito na apresentação do projeto, é o de escrever peças de arquitetura que provoquem reflexão de temas relevantes, seja no aspecto doutrinário, seja no aspecto esotérico, ou ainda, de cunho prático, haja vista que muitos deles tiveram por raiz demandas de Irmãos que, gentil e fraternalmente, nos consultam sobre dúvidas diversas, mesmo procedimentais, e temos nos esforçado para, humilde e maçonicamente, atender aos pedidos. Recordando que mesmo não sendo donos da verdade, nossos textos têm base na legislação, na doutrina, na tradição e na lógica.

Por vezes, questões que nos são apresentadas não têm resposta escrita, até porque seria, a nosso juízo, demais regulamentar cada vírgula para os nossos trabalhos maçônicos. Nosso viés latino, de um modo geral, e brasileiro, em particular, por vezes, demanda que tudo deveria estar regulamentado, mas sabemos que em Maçonaria muito se transmite por tradição, com base nos usos e costumes e outras vezes temos que fazer uma interpretação com fulcro na lógica e no bom senso. Será o caso deste DIÁLOGO MAÇÔNICO Nº 011.

A questão apresentada foi a seguinte: um Irmão que ocupa um cargo de Secretário, por exemplo, de Obediência Estadual ou de nossa Obediência Distrital, no âmbito do Grande Oriente do Brasil (GOB), ao visitar uma Loja e estando vestido com os paramentos do cargo, ou seja, com o avental e com o colar de Secretário, se for convidado a exercer um cargo ad hoc nos trabalhos da Oficina, naquele dia, como ele deve proceder? Ele retira o colar de Secretário e coloca o do cargo que vai exercer na Sessão ou coloca o colar do cargo sobre o colar de Secretário?

Nossa orientação foi dada com base na lógica interpretativa, pois desconhecíamos, como desconhecemos até a presente, determinação legislativa, no âmbito do GOB, sobre a questão.

Nosso pronunciamento foi de que o Secretário deveria ficar com o colar do cargo que possui e colocar o do cargo que iria exercer ad hoc por cima, pois não se usa paramentos pela metade: avental de Secretário e colar do cargo da Loja.

O paramento completo estaria mostrando a grande responsabilidade que tinha de servir à Ordem, no caso específico representando a Obediência

Estadual/Distrital, como Secretário, e o colar do cargo caracterizava que naquele momento, ou seja, naquela Sessão, ele estava exercendo aquele cargo ad hoc.

A outra opção seria a de retirar os paramentos de Secretário: colar e avental, vestir um avental de Mestre (ou de Mestre Instalado, pois o Irmão que fez a consulta é Mestre Instalado) e colocar o colar do cargo que estava exercendo ad hoc, mas nunca, frisa-se, usar paramentos pela metade, qual seja, vestir o avental do cargo permanente e somente o colar do cargo ad hoc.

Como poderíamos estar equivocados, pois como dissemos não somos donos da verdade, mesmo já tendo respondido ao Irmão que nos consultara, solicitamos a orientação do Irmão Pedro Juk, na condição de Secretário-Geral de Orientação Ritualística do GOB.

Depois de explicarmos a demanda que nos fora apresentada, fizemos a seguinte indagação ao citado Irmão: "Utilizar um colar em cima do outro, como no caso concreto acima exposto, está ferindo alguma regra ritualística?"

Recebemos, de pronto, a seguinte resposta do Irmão Pedro Juk: "Prezado Irmão Marcos, bom dia. Está anotado, breve seguem apontamentos a respeito. Antecipando, posso lhe afirmar que não há necessidade de tirar o colar para colocar outro. Ele deveria simplesmente usar o do cargo ad hoc sobre o de Secretário."

Posteriormente recebemos a resposta definitiva, ei-la: "Por certo que ele não precisaria ter tirado o colar com a joia do Secretário para vestir o do cargo da Loja. Até porque ele, como Secretário sabe que os seus paramentos se compõem de avental, colar e joia e que ninguém usa a indumentária 'pela metade'. Assim, nada impede que se alguma autoridade maçônica, em

assumindo um cargo numa Loja visitada, use o colar e joia desse cargo por sobre o que ela, como autoridade, já esteja vestindo. Agora, retirar uma para colocar a outra, de fato não é procedimento previsto na legislação. Eu ainda me atrevo a dizer que esses são os excessos de preciosismo que só servem mesmo para empanar o brilho da liturgia."

Evidentemente que se a resposta do Irmão Pedro Juk fosse divergente daquela que havíamos dado, com humildade nos redimiríamos, junto ao Irmão a quem havíamos respondido, informando que estávamos equivocados e que o correto seria da forma descrita pelo Secretário-Geral de Orientação Ritualística do GOB.

Dessa forma, registre-se a orientação, com base na lógica interpretativa e no bom senso, que uma autoridade maçônica, ao visitar uma Loja, se convidada a exercer algum cargo na Sessão, o que fará, exclusivamente para aquele ato, tem duas opções:

1ª) vestir por sobre os paramentos do cargo que possui o colar com a joia do cargo que exercerá ad hoc;

2ª) retirar os paramentos completos do cargo que possui, vestir um avental de Mestre (ou de Mestre Instalado, se o for) e o colar com a joia do cargo que exercerá ad hoc.

Por fim, concluímos este DIÁLOGO MAÇÔNICO reiterando que o principal objetivo de sermos Maçom é o exercício diário de nossa evolução, pois a Maçonaria é espiritualista, tanto que estabelece como um dos principais fins a proclamação da prevalência do Espírito sobre a matéria, então, como dito pelo Irmão Pedro Juk devemos deixar de exigir que tudo esteja escrito, regulamentado e renunciar aos excessos de preciosismo que só servem para empanar o brilho da liturgia.



**Pedro Barbosa**

Advocacia e Consultoria Jurídica  
OAB/DF 39.996

✉ pedrohsb12@gmail.com

\ Pedro Henrique Barbosa

Alameda dos Eucaliptos, Quadra 107, lote 05  
Águas Claras - Brasília/DF

Assessoria em Direito do Trabalho  
e Processo do Trabalho  
Direito Civil e Processo Civil  
Direito Administrativo  
Realização de Diligências  
Audiências e Sustentações  
Orais em Tribunais e  
Órgãos Administrativos

61 99145-4193 ☎



## SESSÕES CONJUNTAS

Autor: Irm.º Marcos A. P. Noronha – Mestre Instalado.

Prezados Irmãos, neste DIÁLOGO MAÇÔNICO (DM) vamos tratar de um tema de ordem prática que foi objeto de consultas e que, muita da vez, suscita dúvida por parte de um Venerável Mestre, qual seja, a realização de Sessões Conjuntas de duas ou mais Lojas.

Como a leitura deste DM pode ser feita por algum Irmão sem que tenha lido os anteriores, ou mesmo a apresentação que fizemos quando demos início a escrever peças maçônicas com o título de DIÁLOGOS MAÇÔNICOS, que são numerados sequencialmente, entendemos ser de bom alvitre reforçarmos que estes têm por base a legislação do Grande Oriente do Brasil (GOB), por sermos de Loja e do Grande Oriente do Distrito Federal federado ao GOB, mas os Irmãos podem fazer os devidos ajustes para a legislação da Obediência Maçônica a que pertencem. No âmbito

do Grande Oriente do Brasil (GOB), por força do que estabelece o artigo 231 do Regulamento Geral da Federação (RGF), que tem o status de Lei Complementar, há obrigatoriedade de as Lojas federadas realizarem uma Sessão Magna, interna ou pública, na Semana da Pátria, em homenagem à Proclamação da Independência. O parágrafo único deste artigo prevê que duas ou mais Lojas podem ser reunir, ou seja, realizarem uma Sessão Conjunta, para esta celebração.

Recebemos consultas indagando como seria o procedimento para realizar Sessão Conjunta e se seria possível duas Lojas que praticam Ritos distintos se reunirem, em Sessão Ritualística, para realizar uma Sessão Conjunta.

No âmbito do GOB, os Rituais do 1º Grau dos sete

Ritos previstos pela legislação Gobiana, edições de 2009 e 2013 (ano em que foi publicado o Ritual do Rito Escocês Retificado), aprovados por Decretos do GrãoMestrado Geral, estabelecem que: Uma Loja pode estar presente na sessão de uma coirmã como incorporada, quando ambas funcionarem na mesma sessão e no mesmo Rito. Caso não atuem no desenvolvimento dos trabalhos ritualísticos ou não seja do mesmo Rito tratar-se-á de uma Loja visitante.

As Lojas incorporadas ingressam no Templo juntamente com a Loja anfitriã e com ela dividem a realização dos trabalhos em sessão conjunta.

A Loja visitante ingressa, após a abertura dos trabalhos, com o Venerável Mestre à frente, seguindo-se o Estandarte e, hierarquicamente, as demais Dignidades, Oficiais e Irmãos formados em fila dupla, do mais graduado ao menos graduado, sendo recebida de Pé pela Loja visitada e sob Bateria incessante. (...)

Quando existirem duas ou mais Lojas em visitação, entra em último lugar a de maior título ou condecoração e, se forem iguais nisso, entra em último lugar a mais antiga na Ordem, de acordo com o menor número cadastral.

Assim, a Sessão conjunta, no âmbito do GOB, pode ser feita por duas ou mais Lojas, somente quando trabalham no mesmo Rito e sejam federadas ao GOB, ou seja, à mesma Obediência. Cremos que esta regra seja também praticada por outras Obediências.

Logicamente que em uma Loja incorporada não existirá duplicidade de cargos, então, com a devida antecedência, os Veneráveis Mestres das Lojas que realizarão a Sessão Conjunta devem ajustar sobre a ocupação dos cargos.

Os Irmãos presentes à Sessão, realizada em conjunto por duas ou mais Lojas, devem assinar uma lista de presenças própria para a Loja incorporada. Dessa Sessão, da Loja incorporada, será lavrada uma Ata que deve ser copiada e remetida para as Lojas que participaram da incorporação. O ideal é que a Ata seja aprovada na mesma Sessão que ocorreu a incorporação.

Entendemos que, além da lista de presenças referente à Loja incorporada, cada Loja participante pode ter no livro da própria Loja as assinaturas com o registro da presença dos membros do seu quadro, sendo nesse caso recomendável uma anotação, informando que houve incorporação na Sessão do dia.

Se não ocorrer incorporação, quando uma Loja estiver presente na Sessão de outra coirmã esta será considerada visitante.

Outra questão que foi apresentada: duas Lojas, com reduzido número de Obreiros, podem realizar rotineiramente Sessões Conjuntas? Mesmo havendo previsão legal de que são direitos da Loja realizar Sessões em conjunto com outras Lojas (art. 97, inciso VII do RGF), nos parece que a previsão legislativa de duas ou mais realizarem Sessões Conjuntas são para eventos especiais ou ocasiões extraordinárias, como no citado caso da Semana da Pátria.

Não é demais recordar que o inciso XXII do artigo 96 do RGF estabelece que uma Loja para ser aberta deve ter no mínimo sete Mestres Maçons. Deste modo, a nosso juízo, uma Loja pode de forma não habitual utilizar o expediente de em determinado dia, por falta de obreiros, realizar uma Sessão Conjunta com uma coirmã, porém não rotineiramente, haja vista que uma Loja para existir e dar continuidade aos trabalhos maçônicos, deve ter, no mínimo, sete Mestres (premissa para manter a Carta Constitutiva, que lhe foi outorgada).

Concluindo, fica claro que somente Lojas do mesmo Rito podem realizar Sessões Ritualísticas em conjunto. A explicação nos parece simples e óbvia: se duas Lojas que praticam Ritos distintos fossem, por hipótese, realizar uma Sessão conjunta qual Rito seria praticado? Poder-se-ia dizer que seria praticado o Rito da Loja que está recebendo as demais, isso se a Sessão fosse ser realizada em um Templo de uma das Lojas, porém, pode ser que a Sessão seja realizada em um Templo que não é de nenhuma das duas (até por questões de dimensão), por isso os Rituais estabelecem que no caso de as Lojas não praticarem o mesmo Rito tratar-se-á de uma Loja visitante, e não de Sessão conjunta.

#### Observação:

Em setembro de 2016, após respondermos a uma consulta sobre Sessões Conjuntas, escrevemos a Pílula Maçônica Nº 239, publicada na página (site) da Loja Solidariedade e Progresso Nº 3078, em 06/10/2016. Depois recebemos outras consultas que redundou neste DIÁLOGO MAÇÔNICO Nº 012.

# GRAUS SUPERIORES DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

Alguns Irmãos nos remeteram mensagens, solicitando que falássemos sobre os denominados Graus Superiores ou Alto Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA). Dessa forma, decidimos escrever com base em textos de nossa lavra, como por exemplo, o livro “O Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito e o Grande Oriente do Brasil”, 1ª Edição. Brasília: Impressus Gráfica e Editora Ltda, 2012; a Pílula Maçônica Nº 253, não sobre algum Grau, mas sim apresentar uma visão sobre o trilhar desses Graus,

nobres e sublimes fins, a Maçonaria exige que sejam iniciados em seus Mistérios somente aqueles que, crendo na existência de Deus e em sua vontade revelada, bem compreendam os deveres sociais e, alheios a vaidades e inclinações contrárias aos rígidos princípios da moralidade, busquem-NO, inspirados em elevados sentimentos de Amor Fraternal.

A Maçonaria representa, portanto, o progresso contínuo, por ensinamentos em uma série de graus visando, por promoções sucessivas, incutir no íntimo



**Autor: Irm.: Marcos A. P. Noronha  
Mestre Instalado.**

até o atingimento do Grau 33.

Em nosso livro, acima citado, escrevemos que a ordem Maçônica é uma associação de homens esclarecidos e virtuosos, que se consideram Irmãos entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente ligados por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se, uns aos outros, na prática da virtude. É um sistema de Moral, velado por alegorias e ilustrado por símbolos.

É, pois, um sistema e uma escola, não só de Moral como também de filosofia social e espiritual, revelados por alegorias e ensinados através de símbolos, guiando seus adeptos à prática e ao aperfeiçoamento dos seus mais elevados deveres.

Por isso e para evitar o desvirtuamento de seus

dos homens a luz espiritual e divina que, afugentando os baixos sentimentos de materialidade, de sensualidade e de mundanismo e, invocando, sempre, o Grande Arquiteto do Universo, os torne dignos de si mesmo, da Família, da Pátria e da Humanidade.

Este deve ser o verdadeiro sentido dos denominados estudos filosóficos, pois a “Ordem Maçônica não é apenas ‘um sistema de moral exposta em símbolos e alegorias’, e sim, uma autêntica escola de iniciação moral, cultural e espiritual, que prepara seus adeptos tanto para uma nobre vida terrena e social, como para entrar num alto e esclarecido estado de consciência em sua futura vida ultraterrena, terminado que haja o seu

ciclo de aprendizagem e atividade neste mundo” (citação de Joaquim Gervásio de Figueiredo, na apresentação da obra “A Vida Oculta da Maçonaria” de C. W. Leadbeater).

Portanto, os estudos filosóficos, à medida que os degraus vão sendo transpostos, deveriam levar a uma evolução do Maçom, entendendo esta evolução como um processo dinâmico, que atende modificações em face da vida, que sempre avança pelo infinito afora, varando a eternidade, com sua imortalidade.

É comum ao iniciarmos a escalada maçônica no Escocismo ouvirmos: “Ah! Agora você está a frequentar os graus filosóficos!” ou, ainda: “você está no filosofismo!”

Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Novo Dicionário da Língua Portuguesa, “Filosofismo. S. m. 1. Mania filosófica. 2. Falsa filosofia.”

A definição trazida por este famoso dicionário brasileiro nos mostra que não deveríamos utilizar o termo filosofismo sob hipótese alguma, mas por diversas vezes temos ouvido nas Lojas Simbólicas, nos chamados Altos Corpos do REAA, até mesmos em Consistórios de Príncipes do Real Segredo, último Corpo da escalada maçônica escocesa, irmãos assim se pronunciarem. Tivemos oportunidade de constatar maçónólogo famoso usar este termo.

Quando o homem em geral, e o Maçom em particular, se dedica a decifrar os enigmas da vida, estará filosofando, o que é explicado por qualquer compêndio de Filosofia, de forma minuciosa.

Em Maçonaria, existe a parte filosófica, como existe a histórica, a judaica, a mítica, a mística, enfim, o ecletismo que convém ao equilíbrio da mente, para afastá-la do sectarismo exagerado, do fanatismo e do proselitismo.

Desta forma, muitos maçons afirmam, como dito, que a Maçonaria se divide em Maçonaria Simbólica e Maçonaria Filosófica. No entanto, nos parece que dentro da Ordem não deveria haver esta simplificação de conceito. Primeiro, porque mesmo nos Graus Simbólicos há filosofia. Segundo, porque utilizando o rigor maçônico, no que concerne ao Rito Escocês Antigo e Aceito iniciamos o estudo filosófico, propriamente dito, no Conselho Filosófico de Kadosh.

O Irmão Joaquim Gervásio de Figueiredo, em seu Dicionário de Maçonaria, quando discorre sobre o verbete GRAUS, assim se manifestou:

“... Com base no Rito Escocês Antigo e Aceito, que é um dos mais em voga, os demais graus, chamados superiores, se classificam em:

Graus Inefáveis: do 4° ao 14° graus;

Graus Capitulares: do 15° ao 18° graus;

Graus Filosóficos: do 19° ao 30° graus;

Graus Administrativos: do 31° ao 33° graus. (...)”

É de bem ressaltar que o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, por intermédio do Decreto Nº 1.012, de 24 de outubro de 2019, aprovou o atual Regulamento Geral para os Órgãos e Corpos Subordinados, no qual estabelece que:

“Art. 2º. São subordinados ao Supremo Conselho:

I - Órgãos: a) Delegacias Litúrgicas; b) Colégios dos Grandes Inspetores Gerais;

Art. 3º. Compete privativamente ao Santo Império autorizar a formação de Órgãos e Corpos Subordinados.

Art. 4ª. As Augustas Lojas de Perfeição, os Sublimes Capítulos Rosa-Cruzes, os Ilustres Conselhos Filosóficos de Kadosch e os Mui Poderosos Consistórios de Príncipes do Real Segredo são designados, genericamente, de Oficinas Litúrgicas ou Filosóficas.”

Portanto, a nosso ver, o estudo filosófico da Maçonaria, no Rito Escocês Antigo e Aceito, na legítima acepção do termo, ocorre quando do ingresso no Ilustre Conselho Filosófico de Kadosh.

Um verdadeiro Maçom, principalmente aquele que chega a “cursar” os chamados Graus Superiores, que no caso do REAA significa passar por cada um dos Corpos citados nos parágrafos precedentes, só o é se for cumpridor de seus deveres para com nossa sublime Ordem e para com os Irmãos, procurando exercitar na plenitude, apesar das limitações que todos nós possuímos, a trilogia Maçônica, que representa seus fins: FRATERNIDADE, LIBERDADE e IGUALDADE (alteramos a ordem por entender que somente sendo verdadeiramente fraternos, buscadores da liberdade é que poderemos chegar a uma relativa igualdade, ou seria melhor afirmar que poderíamos praticar a equidade).

Para não alongarmos vamos apresentar uma síntese sobre os denominados Graus Administrativos, que são os Graus 31, 32 e 33, pois muitos Irmãos indagam a razão desta denominação.

O Grau 31 (Grande Inspetor Inquisidor

Comendador) é classificado como Grau Administrativo, mas é um Grau de elevada mensagem iniciática e refere-se à representação de um tribunal onde se praticam a Justiça e a Equidade. Essa corte é presidida por um Franco-Conde, auxiliado por dois Franco-Juízes e pelos demais membros da administração. A mensagem filosófica de profundo teor é a da prática da Justiça e da Equidade. Isso é o que pode ser dito.

O Grau 32 (Príncipe do Real Segredo), também, é pertencente à série dos chamados Graus Administrativos, tem conotação militar; portanto, características Templárias, por isso o Presidente é denominado Comandante em Chefe. A mensagem iniciática do Grau 32 é a de formar homens mais iluminados, mais fortes, que aspirem ao trabalho individual, dirigido ao bem comum, ou seja, ao bem coletivo.

O Grau 33 (Grande Inspetor Geral) é o último Grau da escalada hierárquica do Rito Escocês Antigo e Aceito. É, de igual forma, considerado um Grau Administrativo e em seu ensinamento não contempla nenhuma lenda, tratando-se mais de uma espécie de coroação final do caminho percorrido anteriormente. A rigor não se concede o Grau 33, conforme se faz nos demais Graus do Rito, mas, sim, investe-se o candidato no Grau 33, investidura esta que se processa em Sessão Solene do Supremo Conselho, presidida pelo Soberano Grande Comendador.

O Grau 33 deve representar para o Iniciado que alcançou este nível, o topo da Escada de Jacó, o aperfeiçoamento possível na parte espiritual.

Observação: Como dito em outros DIÁLOGOS MAÇÔNICOS, os nossos textos têm por base a legislação do Grande Oriente do Brasil (GOB), por sermos de Loja e do Grande Oriente do Distrito Federal federado ao GOB, mas os Irmãos podem fazer os devidos ajustes para a legislação da Obediência Maçônica a que pertencam.

Neste DIÁLOGO MAÇÔNICO citamos o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito por dois motivos: (a) por sermos filiado a este Supremo Conselho, do qual nos sentimos muito honrado em ser Membro Efetivo, por nomeação do Soberano Grande Comendador; (b) devido ao Tratado de Amizade e Aliança Maçônicas firmado em novembro de 1965, entre o GOB e o Supremo Conselho, que continua em vigor.

Contudo, se algum Irmão filiado ao outro Supremo Conselho do REAA existente no Brasil ler/estudar este DIÁLOGO MAÇÔNICO poderá, como no caso das Obediências Simbólicas, fazer os devidos ajustes legislativos.

**TÁ NERVOSO? VAI PESCAR!**

# LOJA DO PESCADOR

Empresa especializada em artigos de pesca e caça em geral, náutica, camping e agora com vendas de armas, munições e artigos militares.

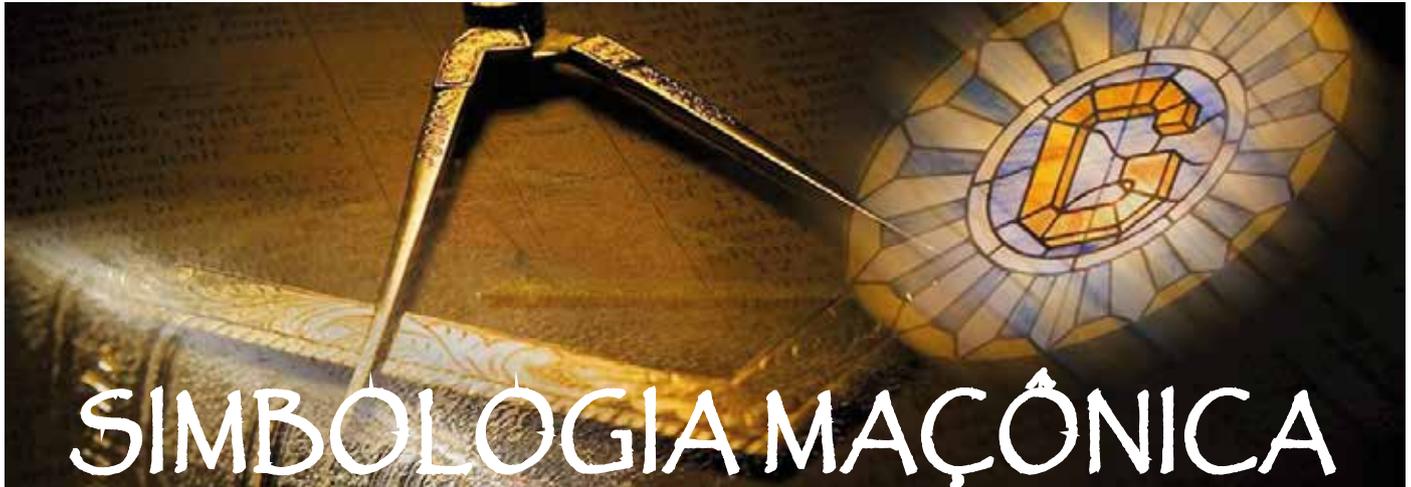
**61 3351-3831**

- 50 DISPAROS
- CURSO CERTIFICADO
- VAGAS LIMITADAS A 9 ALUNOS POR TURMA

**Curso Básico de armamento e tiro Pistola e Revólver**

Benelli, Gamo, Taurus, Ferrarini

QNE 5 lote 4 - Sandu Norte - Taguatinga - DF



**Autor: Irmão Marcos A. P. Noronha – Mestre Instalado**

O Irmão José Castellani no livro “Cartilha do Aprendiz” define Simbolismo como sendo “a expressão ou interpretação por meio de símbolos. Símbolos são figuras, marcas, ou quaisquer objetos que tenham significado convencional, consagrado pela tradição e pelo uso. Em Maçonaria, quase todos os Símbolos são ligados à arte de construir e encerram uma lição moral e ética para o Iniciado.”

O nosso famoso Dicionário Aurélio traz as seguintes definições para o verbete simbolismo:

1. Expressão ou interpretação por meio de símbolos.
2. Escola literária do fim do séc. XIX, que se originou na França, surgida como reação contra o parnasianismo, e que, caracterizando-se por uma visão subjetiva, simbólica e espiritual do mundo, adotou novas formas de expressão, traduzindo as impressões por meio de uma linguagem em que dominava a preocupação estética.
3. Escola de tendências análogas, nas artes plásticas e na música.”

Parece que o saudoso Irmão Castellani utilizou, em parte, a própria definição de Simbolismo dada pelo Dicionário Aurélio.

Em consulta à Wikipédia encontramos a seguinte definição para Símbolo:

“O termo símbolo, com origem no grego symbolon

(σύμβολον), designa um tipo de signo em que o significante (realidade concreta) representa algo abstrato (religiões, nações, quantidades de tempo ou matéria etc.) por força de convenção, semelhança ou contiguidade semântica (como no caso da cruz que representa o cristianismo, porque ela é uma parte do todo que é imagem do Cristo morto). Charles Sanders Peirce desenvolveu uma classificação geral dos signos. Sendo um signo, “símbolo” é sempre algo que representa outra coisa (para alguém).

O “símbolo” é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que sejam reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (religioso, cultural etc.), pode ser também um objeto que substitui, representa, ou sugere algo.”

Em nosso entendimento, não há como falar em “Simbologia Maçônica” sem trazer à lume as definições para Rito e Ritual e para esse desiderato vamos, uma vez mais, nos valer das descritas pelo Irmão Castellani no livro acima citado:

#### **RITO:**

“De maneira geral, é o cerimonial próprio de um culto, ou de uma sociedade, determinado pela autoridade competente. Designa, também, a ordenação de qualquer cerimônia e, por extensão, culto, seita,

religião. Embora não haja, entre os diversos agrupamentos maçônicos, notáveis diferenças doutrinárias, filosóficas, ou ideológicas, elas existem, palpavelmente, quanto à interpretação de fatos históricos, à análise do esoterismo básico de muitas práticas maçônicas, às influências sociais, religiosas e políticas e até à situação geográfica. Em decorrência disso, sempre existiram dezenas de Ritos Maçônicos, o que, longe de mostrar divisão ou enfraquecimento, sugere, muito mais, a riqueza moral e intelectual da ciência maçônica, a qual propicia diversas correntes de pensamento que convergem para um ponto comum. A Igreja, que é uma sólida instituição, também possui muitos Ritos (25) - 19 deles na Igreja Oriental - sem que isso abale sua estrutura doutrinária."

### RITUAL:

"É tudo o que é relativo a Rito, ou que contém Ritos. É também, o livro que contém a ordem e a forma das Cerimônias, religiosas ou não. Por extensão, refere-se a qualquer cerimonial, ou ao conjunto de regras a serem seguidas. Em Maçonaria, o cerimonial de cada Rito é o seu Ritual, assim como o livro que contém a cronologia e as regras do cerimonial. **O Aprendiz - assim como qualquer Maçom - deve estudar profundamente o Ritual de seu Grau, qualquer que seja o Rito**, pois as práticas Rituais, assim como os Símbolos, são as formas veladas, alegóricas, metafóricas com que a Maçonaria transmite, aos Iniciados, a sua doutrina." (destaque não é do original)

Vejamos, agora, as definições trazidas pelo Dicionário Aurélio:

### RITO:

"1.As regras e cerimônias que se devem observar na prática de uma religião: o rito romano da Igreja Católica.

2.Culto, seita; religião: "Os sacerdotes do rito armênio, de grandes barbas" (Ramalho Ortigão, As Farpas, V, p. 16); pessoas de raças e ritos diferentes.

3.Qualquer cerimônia de caráter sacro ou simbólico que segue preceitos estabelecidos: ritos mágicos: ritos fúnebres.

4.Sistema de organizações maçônicas.

5.As normas do ritual (6): os ritos da boa educação.

6.Jur. Conjunto de leis adjetivas reguladoras do exercício duma ação em juízo."

### RITUAL:

"1. Referente a rito(s), à realização de ritos ou ao caráter ou poder religioso destes: objetos de uso ritual; cura ritual.

2. Semelhante a rito, principalmente quanto ao caráter sagrado ou à realização regular ou repetitiva; ritualístico: cerimônia ritual; Faz tudo com meticulosidade ritual. Substantivo masculino.

3. V. culto<sup>1</sup> (2).

4. Liturgia.

5. Livro que contém os ritos de uma religião: "Vestiu a sobrepeliz, tomou o ritual, e acompanhado do sacristão .... dirigiu-se para o corpo da igreja." (Bernardo Guimarães, O Seminarista, p. 256.)

6. Conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou por normas, e que se deve observar de forma invariável em ocasiões determinadas; cerimonial: A solenidade de posse, na Academia Brasileira, segue sempre o mesmo ritual."

A partir das definições apresentadas, fica claro que a Maçonaria é uma instituição que utiliza o simbolismo para levar a(s) mensagem(ns) iniciática(s) aos seus membros a partir dos vários símbolos que se encontram nos Templos Maçônicos, local onde se materializa a "Loja" por intermédio das Sessões. Estas possibilitam, com base em um Ritual, a transformação da energia em um efeito material, realizando, dessa forma, o cumprimento do Rito que se pratica.

Em nossa opinião, os Símbolos têm relevante importância para os Maçons, pois neles estão contidos os segredos (eles existem?) da Maçonaria, tanto que nós, Maçons, devemos buscar a compreensão do significado de cada Símbolo contido na literatura maçônica, lato senso.

Não é demais recordar, sem qualquer proselitismo religioso, que Jesus fazia uso das parábolas, valendo-se de imagens da realidade para expressar uma outra realidade mais profunda. Ele lançava mão desse recurso porque almejava provocar reflexão sobre determinado tema, principalmente quanto aos significados e valores morais (divinos) que os seres humanos da época ainda não tinham conseguido alcançar. Da mesma forma, a

Maçonaria utiliza os Símbolos, ou seja, a Simbologia, para provocar em nós, Maçons, a necessidade de estarmos atentos para determinadas práticas, principalmente para buscarmos o autêntico sentido e objetivo de ser um Iniciado nos chamados Augustos Mistérios.

O Maçom para ser considerado um verdadeiro Iniciado, ao adentrar em um Templo Maçônico, deve olhar analiticamente os Símbolos presentes no Templo e lembrar as mensagens Iniciáticas que eles trazem, pois este deve ser o ideal que o conduz à busca permanente do crescimento e da evolução, sobretudo, espiritual, e subsidiariamente a convidar um profano livre e de bons costumes a buscar a Luz através de um processo iniciático consciente.

Os ritos trazem a ritualística que deve ser seguida em uma Sessão Maçônica, conduzida principalmente pelas Luzes, sob o comando do Venerável Mestre, mas não há hipótese de se conceber a Maçonaria e a condução de uma Sessão sem simbologia.

Assim, para que uma Sessão Maçônica se transforme, ou seja, para que se reverta em um incontestável momento iniciático, onde se forme, de fato, uma Egrégora,

ela deve ser guiada na ritualística preestabelecida pelo Rito que a Loja segue.

Contudo, não basta, somente, seguir integralmente a ritualística prevista no Ritual de forma mecânica. Esta deve ser feita com a devida Liturgia, de forma a propiciar aos presentes uma imersão no conteúdo e na mensagem Simbólica Iniciática trazida por uma verdadeira Sessão Maçônica, permitindo, realmente, a formação da citada Egrégora.

Por fim, a Maçonaria tem uma participação fundamental na Grande Obra Divina, representada pelo ordenamento interior, particular, de cada iniciado que é o primeiro passo para o trabalho do ordenamento maior, trazido ao Maçom por intermédio dos Símbolos.

E este ordenamento interior começa com a morte do velho homem, com o despir-se das vaidades, do egoísmo, do desamor, rompendo a marcha em busca do ideal maçônico: a vida nova, a humildade, o amor, o trilhar em busca da casa de muitas moradas, não só para si, mas também para todos que participam, de uma forma ou de outra, da construção da Obra Divina, que é mostrada e demonstrada pelo Simbolismo.



## FARIAS CONTABILIDADE

SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

*Ir.: Wagner Farias*

3964-3720  
99697-0750  
98440-2030  
98166-5118  
99300-4500

EQNM 1/3 Bloco A - Sala 111 - Ceilândia Sul - Brasília/DF



MONTTE  
CONSTRUTORA

Realizando sonhos

Ir.: Alexandre

(61) 98532-2662

servicosmontte@gmail.com

# As Luvas Brancas na Maçonaria

Fonte: rsalomao@enersulnet.com.br - Pesquisa Ir.: Jaime Balbino de Oliveira

Símbolo da pureza, assim são consideradas as Luvas Brancas dentro da Maçonaria, são elas recebidas pelos Aprendizês quando de sua iniciação. Inúmeros são os símbolos da Liturgia Maçônica e, dentre eles, destaca-se o da entrega aos neófitos das luvas brancas quando, nos últimos momentos da Iniciação. O Venerável anuncia, então, que aquelas luvas brancas constituem o símbolo de sua admissão nas fileiras dos homens livres e de bons costumes.

Os homens distintos e elegantes, as damas da sociedade fina e os militares galonados deitaram a moda das luvas brancas. Estas chegaram a fazer parte dos ornamentos que recebiam os bispos no ato da sua sagração, com a designação de "luvas litúrgicas", simbolizando a castidade e a pureza.

A entrega das luvas brancas aos neófitos da Maçonaria ficou justificada na mesma intenção deferida aos bispos. Cobrindo suas mãos com elas, o maçom é levado a compreender, primeiramente, que sua mão direita nunca deverá saber o que faz a esquerda.



Também o Venerável Ihe explica que são “o símbolo de sua admissão no Templo da virtude, indicando, por sua brancura, que ele nunca deverá manchá-la nas águas lodosas do vício”.

A rigor se seguissemos as tradições, dever-se-ia usar as Luvas Brancas em todas as Sessões. Esta tradição pouco a pouco foi caindo, principalmente nos países quentes. Todavia este costume não foi de todo abandonado. Muitos Maçons americanos e europeus ainda observam esta tradição.

As Luvas Brancas também evocam a lembrança dos compromissos assumidos durante a Iniciação. A posse das luvas brancas não revela nenhuma interpretação mística, mas sim o que possa haver de mais ativo e fecundo para a orientação no cumprimento do dever. Alcança tanto a destinação da própria personalidade do iniciado como a de sua família.

Pelo que ficou esclarecido, a Ordem dos homens livres não se restringe a entregar somente um par de luvas a cada um dos iniciados. Entrega um outro par que são destinadas àquelas que mais direito tiver a vossa estima e ao vosso afeto. Foi dito, a que mais estima e não a que mais ama, porque o amor às vezes exprime um sentimento “cego” e pode enganar em relação às qualidades morais e intelectuais daquela que deva ser a inspiradora das ações generosas.

Vê-se, pois, que a Maçonaria, no grande momento da recepção de seus convidados, lembra-se da mulher, numa homenagem justa e sincera. Não se esquece de que a mulher esposa tem

por sua vez os direitos sustentados desde os dias do chamado “Pontificado Romano”.

Mas, esposa, Irmã, filha ou mãe é sempre a mulher que distribui consolação, promove alentos e distribui conforto, tanto nas horas felizes da família como nas atribulações e nos desfalecimentos da vida e de seu esposo. Portanto, tal homenagem da Maçonaria é, sob todos os aspectos, mais do que procedente.

Um provérbio persa diz: “Não firas a mulher nem com a pétala de uma rosa”. A Maçonaria reforça este ditado ainda mais: e nunca firas a mulher com um lampejo de pensamento. Seja ela moça ou idosa, formosa ou feia, má ou bondosa, delicada ou áspera, sabe ser sempre o segredo do Grande Arquiteto do Universo. É a incansável colaboradora de Deus no seio da humanidade. À margem de todas as filosofias está a vida. E a perpetuação da vida foi confiada pelo ser dos seres: à mulher.

O nível de igualdade em que a Maçonaria coloca o homem e a mulher, destinando a cada um o par de luvas brancas cimenta a certeza dos nobres exemplos transportados aos seus obreiros cônscios das responsabilidades assumidas perante as assembleias de maçons que o receberam.

Tais luvas são símbolos da admissão dos recém-iniciados como caráter evidente da pureza das intenções que deve observar sempre o maçom em suas ações. Portanto, recebendo-as, ele deve cuidar com toda atenção para não manchá-las como egoísmo e com a subserviência às paixões que embrutecem o homem.



## PROJETOS ELÉTRICOS

CONSULTORIA E SERVIÇOS ELETR

**OTONIEL NOGUEIRA**  
Eletrotécnico  
otonielnogueira@globo.com

Fones: (61) 3471 1095  
Vivo - 9955 1445  
Oi - 9986 5057



# In Corpore

Clínica de Cirurgia Plástica e Medicina Estética

*Saúde e Estética ao seu dispôr!*

Localizada em Brasília, a InCorpore está no mercado há mais de uma década, contando com equipe profissional altamente qualificada, oferecendo aos seus pacientes os melhores e mais modernos tratamentos, através de completos programas de cirurgia Plástica e Medicina Estética, desenvolvidos por profissionais que conjugam técnica cirúrgica e sensibilidade artística, possibilitando, assim, a conquista da harmonia corporal e a plena satisfação dos nossos pacientes. Os tratamentos são personalizados e a solução adequada para cada problema é determinada durante uma consulta.

Visite nosso site!

Ir. : Marcelo Géa

(61) 3322 6917 / 99901 1441 (VIVO) 98177 3191  
(TIM) 98533 7966 (OI) 99233 1350

[www.clinicaincorpore.com.br](http://www.clinicaincorpore.com.br)

Pátio Brasil Shopping (Torre) Sala 1003 - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70307.901



COLÉGIO  
**KADIMA**

[www.colegiokadima.com](http://www.colegiokadima.com)

Estude no Kadima o melhor ensino de qualidade pelo menor preço do mercado, perto de você.

## MATRÍCULAS SEMPRE ABERTAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos  
Ensino Médio (2º Grau)  
Lei nº 9394/96 - LDBe

*MAIS DE 8.000  
Alunos Formados*



conquiste seu futuro

a educação muda você

A EJA-EAD (supletivo a distância) do Colégio Kadima lhe garante a oportunidade de recuperar o tempo perdido na sua vida escolar.

Organizado da mesma forma que a EJA presencial, a EJA-EAD do Colégio Kadima permite que você assista às aulas, faça exercícios de fixação, faça perguntas ao professor e troque ideias com outros alunos no momento e lugar que você puder e quiser.

Em casa, no trabalho, no horário de almoço, domingos ou feriados.

Não existem barreiras para a EJA-EAD do Colégio Kadima que utiliza a internet como meio de comunicação e interação entre alunos e professores.

Funciona assim, o aluno matriculado no Colégio Kadima recebe um login e uma senha para acessar nossa plataforma de EAD. Nessa plataforma o aluno terá videoaulas, atividades online, acesso à apostila completa de todas as matérias, fórum de dúvidas e professores atenciosos.

Caso o aluno deseje, pode frequentar as tutoriais presenciais que acontecem na sede do Colégio Kadima.

Além disso tudo, o Colégio Kadima dispõe de um Laboratório com acesso à Internet totalmente gratuito para seus alunos.

Após concluir as atividades online o aluno é submetido às avaliações que são presenciais e acontecem na época certa ao fim de cada semestre.

Não perca mais tempo e aproveite a oportunidade de concluir seus estudos com qualidade e segurança, numa escola séria e tradicional na área de supletivo em Brasília.

Mais de 8.000 alunos já passaram por aqui. Venha você também!

**o sucesso espera por você**

**SUPLETIVO**

VÁLIDO PARA

**CONCURSOS**

VÁLIDO PARA

**FACULDADES**

VÁLIDO PARA

**PROMOÇÃO  
NO EMPREGO**

[facebook.com/supletivokadima](https://facebook.com/supletivokadima)

**C-05 Lote 08 Loja 01 - Taguatinga Centro**

**(61) 3046-2920 / 3036-4477**



Escritório com especialização em causas de elevada complexidade, especialmente direito penal, empresarial, imobiliário, tribunais superiores e defesas maçônicas.

SHIS QL 06 conjunto 05 casa 17  
Lago Sul, Brasília/DF • CEP: 71.620-055  
antonioalberto@antonioalberto.adv.br  
Tel: [61] 98403-5713  
Ir.º. Antonio Alberto do Vale Cerqueira

**REALCE A  
ALEGRIA DA SUA**

# **FA MI LIA.**

A família possui um papel fundamental. ela é a sua base estrutural. Um lar em harmonia é fonte de força e sustento, e sua alegria é o brilho, a expressão e a honra. Coloque em evidência o sorriso da sua casa, agende sua avaliação.

# OS MÉDICOS CONTINUAM LUTANDO POR NÓS E SALVANDO VIDAS

Vamos fazer a nossa parte e seguir as recomendações de saúde

JUNTE-SE AO SINDMÉDICO-DF NESTA CAMPANHA

Contra o coronavírus, a melhor arma é a prevenção:



Lave as mãos  
com frequência



Evite aglomerações



Use máscara,  
cobrindo nariz e boca



Não esqueça o álcool  
em gel em casa, use-o



Higienize seus  
pertences



Se estiver gripado,  
faça o isolamento social